

RESENHA

Valdeci da Silva Santos

PRICE, Donald E. (Org.). *Que será dos que nunca ouviram?* São Paulo: Sociedade Religiosa Vida Nova, 2000. 103 p.

Com a compressão do espaço e do tempo em nosso mundo globalizado, o pluralismo religioso torna-se uma realidade cada vez mais presente ao nosso redor. Com isso, a questão do destino dos incrédulos apresenta desafios a, no mínimo, três áreas específicas: pastoral, teológica e missiológica. No campo pastoral, somos desafiados a cuidar de milhares de cristãos que, de uma forma ou de outra, convivem com pessoas de outras religiões, pessoas que adotam crenças de seitas heréticas, pessoas que se identificam como humanistas, materialistas, e os que se dizem ex-cristãos desiludidos. Teologicamente, somos mais uma vez questionados se um Deus de amor seria capaz de condenar mais de um bilhão de pessoas que certamente morrerão sem ouvir a mensagem do Evangelho. Ou, então, se existe outra alternativa para conhecer Deus além da fé em Jesus. Cada uma dessas questões desemboca na prática missiológica da igreja e em sua concepção sobre evangelismo e missões.

O livro *Que será dos que nunca ouviram?* é uma obra escrita a oito mãos, ou seja, quatro escritores analisando uma tese sob diferentes ângulos. Donald E. Price, o organizador da obra, aborda o tema sob uma perspectiva sistemática, analisando os diferentes paradigmas geralmente propostos à questão do destino dos que nunca ouviram. Ao final, ele faz uma defesa do particularismo com base no fato da singularidade de Jesus ser *sine qua non* à fé cristã e de que ela está latente nas páginas das Escrituras. Sendo assim, a doutrina da singularidade de Jesus é uma mola impulsora à obra missionária. Sua enfática conclusão é que “literalmente por amor de Deus não podemos permanecer impassíveis diante da condição dos que não o conhecem. Deus literalmente não nos deixa outra alternativa: faça-

mos missões!” (p. 35). Jonas Machado, por sua vez, lida com o tema sob uma perspectiva mais exegética, concentrando-se especialmente na epístola aos Romanos. Até chegar à exposição do ensino da epístola, porém, Jonas Machado faz uma longa avaliação do ensino dos teólogos pluralistas, exclusivistas e inclusivistas. Finalmente, após um rápido estudo exegético da epístola aos Romanos, Machado chega à conclusão de que “a singularidade de Cristo é afirmada em Romanos com implicações inescapáveis, e uma delas é a necessidade atual de ouvir o evangelho de Cristo para a salvação” (p. 72). Além do mais, Jonas Machado lembra que, segundo Romanos, as pessoas não são condenadas porque não ouviram, “mas porque conheceram a Deus e o rejeitaram” (p. 73).

Uma vez feitas as abordagens sistemática e exegética, os demais escritores ocupam-se com os aspectos mais práticos do testemunho cristão em um mundo pluralista. Logo de início, Antônio C. Barro focaliza mais diretamente a tradicional postura eclesial em face dos desafios do pluralismo religioso. É possível, porém, sair da leitura deste capítulo com a impressão de que Barro está mais preocupado com o tradicionalismo eclesial do que com os desafios missiológicos de um mundo pluralista. Tal impressão é obtida mediante a ênfase de que “o maior inimigo da igreja é ela mesma e não outras religiões” (p. 86), e que “é necessário que a igreja retorne ao caminho do Calvário, o caminho de Emaús, o caminho de Damasco, e encontre ali o Cristo de todos os caminhos, arrependa-se de seus pecados e volte a ter no coração a chama do evangelho para readquirir o direito de dizer ao mundo a respeito da singularidade de Cristo” (p. 89). Por outro lado, Paul Hiebert concentra-se na importantíssima questão de “como se pode, num mundo pluralista, testemunhar com firmeza que Cristo é o único Salvador e Senhor?” (p. 91). Para responder a tal pergunta, Hiebert faz uma análise das diferentes cosmovisões humanas sobre os “outros”, ao longo da história, e como isso tem influenciado a igreja em sua atividade missionária. Neste mundo globalizado, Hiebert defende que a atitude evangelística do cristão deve: (1) reconhecer que cada cultura possui coisas boas e más, pois cada cultura tem recebido sobre si a graça comum, mas, também, cada cultura tem recebido sobre si os efeitos do pecado que assolou a raça humana; (2) rejeitar atitudes humanas colonialistas e imperialistas, defendendo a submissão ao domínio de Deus sobre nossas vidas e sobre nossas comunidades; e (3) proclamar o evangelho não numa posição de arrogância e de poder, nem colocá-lo em pé de igualdade com outras religiões, mas assumir um compromisso firme de testemunhar aquilo que conhecemos e experimentamos (p. 101).

Em termos gerais, a leitura deste livro é não apenas agradável e interessante, mas também necessária e edificante. Devido à natureza de seu

conteúdo, esse livro torna-se indispensável, pelo menos, aos pastores, educadores, missionários/evangelistas, estudantes e profissionais. A apresentação resumida de cada capítulo evita o perigo de uma leitura cansativa e contribui para que ele seja bem aceito pelo público geral. Há que pensar, porém, que a obra poderia ser consideravelmente melhorada se as repetidas exposições dos paradigmas pluralista, exclusivista/particularista e inclusivista fossem evitadas nos três primeiros capítulos. Também, há que indagar se a crítica à atitude missiológica da igreja não poderia ser desprovida de uma ênfase em demasia a seus erros e frustrações, concentrando, assim, nos caminhos e opções existentes para uma evangelização mais efetiva no mundo pluralista em que habitamos. Seria interessante observar uma avaliação dos autores aos aspectos positivos da evangelização da igreja cristã exercida em contexto pluralistas e sincretistas, como o contexto histórico-cultural do primeiro século.